

EMILIA SNETHLAGE

J. A. ANTONIL
Agronomo

A gloria rumorosa pode parecer mais intensa, porém é efemera. Os "herois sem hino" são muito mais da minha simpatia, e o serão da de todos os humanos, quando as estatuas de Napoleão e seus emulos forem derretidas para com o valor de seu bronze serem construidas escolas.

A morte de Emilia Snethlage não pode ser ignorada, sua vida de trabalho não pode ser desconhecida de nós brasileiros, ou pelo menos dos brasileiros de cultura.

*

A 25 de novembro de 1929, extinguiu-se em Porto-Velho — Amazonas, Emilia Snethlage, aos 61 anos de idade, em plena actividade, numa viagem de estudos — reparem bem — para desfazer "algumas duvidas a respeito dos habitos de certas especies, que ela desejava definitivamente esclarecer"...

*

E o que fazia? Ha um quarto de seculo que percorria o interior do Brasil, em todos os sentidos, no afan extraordinario de estudar as aves brasileiras na sua forma, nos seus habitos, no seu meio ecologico. E morreu com a gloria de haver assim estudado 95 por cento das aves de nossa fauna, notavel precisamente pela sua grande riqueza para a ornitologia.

*

A grande naturalista ultimava justamente o seu livro sobre Aves do Brasil, cuja publicação ia ser feita pelo Museu Nacional onde trabalhava, após ter servido no Museu Galdi, gloria extincta do Pará, cuja vida precaria, de franca penuria, abandonado pelos governadores daquele Estado, afugentara dali os seus melhores elementos scientificos, entregue que foi sua direcção a um illustre clinico paraenss...

*

Veio ao Brasil em 1905, a convite de Goeldi, fundador do aludido Museu e "de então, escreve um de seus biografos, até 1912 não se passou um ano sem que a valente caçadora deixasse de empunhar a espingarda,

geralmente sem outra comitiva que os remadores, para remontar os afluentes sem conta do rio-mar.”

Em 1914 publicou seu grande Catalogo das Aves Amazonicas, volumoso, de 500 paginas, “em quo foram estudadas, descritas e coordenadas em forma de chaves analiticas as 1.117 especies de aves conhecidas da região”. E não é só. Esse trabalho verdadeiramente extraordinario resultou do estudo de 10.563 exemplares, por ela caçados ou observados na região.

*

De 1914 a 1917 continuou sua faina, passando então para o Museu Nacional a convite de Arthur Neiva. Em 1924 e 1925 esteve na Europa de ferias, “trabalhando na confrontação do seu material com as coleções de Natterer, Wied e Spix”.

Novamente no Brasil continuou suas pesquisas em torno de nossas aves, e nelas foi a morte colhê-la em plena actividade, por um engano fatal, desses que sempre comete a Parca cruel, numa expressiva demonstração de seu espirito perverso e satanico.

*

Disse R. von Ihering, espirito ponderado e criterioso de naturalista, na nota a que acima me refiro: “Não cabe aqui nenhum confronto. Não teve a sciencia no Brasil nenhum vulto feminino comparavel e mesmo entre a pleiade de homens votados á zoologia, botanica ou geologia nenhum teve feitio igual. Natterer, o grande caçador naturalista, com que a corte austriaca nos presenteou e que durante 20 annos percorreu o Brasil de norte a sul, não era cientista formado em universidade como a nossa doutora, nem nos legou maior serie de trabalhos impressos. Lund talvez possa ser lembrado pela sua singularidade, mas este era sedentario pelos habitos e philosophico no espirito. Bates tambem poderia de algum modo ser cotejado, mas seu feitio como escriptor é diverso. Não se acertará neste confronto com vulto comparavel, mas ainda que distincta pela originalidade, occupará para sempre logar de relevo no panteon dos cientistas aos quais o Brasil agradece a dedicação e o amor que votaram á nossa natureza”.

*

E Roquette-Pinto, num piedoso bosquejo sobre a grande mulher, publicado no *Boletim do Museu*, soube derramar sua simpatia e toda saudade ali, escrevendo: “Snethlage tinha uma modestia meiga, tão atraente, que ninguem a encontrava sem que a estimasse logo. Dos brasileiros humildes do interior, dos “seus” indios, dos seus canoeiros, ou tropeiros, ela falava

sempre comovidamente. Cortou o Brasil em todos os rumos e nunca encontrou quem lhe quizesse fazer o menor mal. E era mulher que conservou os lindos cabelos longos até ha pouco, explicando que a moda dos cabelos curtos seria de facto muito comoda para uma naturalista, mas as senhoras no interior, poderiam, no começo do uso estranhar.. Os cabelos longos garantiam-lhe o respeito das familias, em muitos lugares.

“A morte de Emilia Snethlage hade ser profundamente sentida, não só nos circulos intellectuais do resto do mundo e do Brasil, na Academia Brasileira de Sciencias, de que ela fazia parte, como está sendo no Museu Nacional, onde tinha um amigo respeitoso em cada colega. Seu desaparecimento será tambem uma tristeza para os nossos humildes compatriotas perdidos na terra imensa, que a grande enamorada das aves palmilhou cheia entusiasmo, derramando simpatias, emquanto servia a sciencia”.

*

Emilia Snethlage! Gloria sem rumor!

J. A. A n t o n i l

Gregorio Mendel

Gregorio Mendel nasceu a 22 de julho de 1822 em Heinzendorf, na Silesia. Fez seus estudos classicos no Gymnasio de Oldmütz, e entrou em 1843 para a ordem religiosa dos Agostinhos de Brünn (Bohemia). De 1851 a 1854 foi mandado a Vienna para completar seus conhecimentos de sciencias phisicas e naturaes, que passou logo a ensinar aos alumnos do convento até 1868. Os seus celebres ensaios de cruzamento foram realizados por Mendel parallelamente a uma serie de observações metereologicas, nas quaes pode exercitar sua comprovada competencia. A morte do Superior da Ordem dos Agostinhos de Brünn, em 1868, levou-o á direcção do claustro, pelo que teve de abandonar o ensaio e suas experiencias, cujos ultimos resultados mostravam-se aliás confusos e pouco convincentes.

Suas pesquisas sobre a Hereditariedade começaram em 1858 por cruzamentos entre raças de ervilhas (*Pisum*). Continuadas durante sete annos, e comprehendendo um total de mais de dez mil plantas cultivadas em linhagem cruzadas, com filiação conhecida, ellas puzeram em evidencia leis notaveis pela sua precisão e importancia.

PORQUE AS GALLINHAS COMEM BICHINHOS Todo mundo sabe que quando as gallinhas estão em liberdade, vivem a caçar minhocas, insectos, toda sorte de bichinhos que se encontram na terra. E' de observação corrente, tambem, que nas fazendas, quando se mantem as gallinhas presas, para não estragarem as colheitas, a producção de ovos diminue.

Será que o facto das gallinnas comerem taes bichinhos faz augmentar a postura? Por mais comico que isso pareça é, entretanto, a verdade pura.

Ingerindo bichinhos, as gallinhas *assimilam azoto* o que traz uma compensação á pobreza dos grãos nesse elemento, necessario sobretudo para a fabricação do ovo.

As gallinhas, comendo bichinhos, não somente reforçam e completam sua nutrição, como offerecem ao organismo um precioso factor de saude e de actividade physiologica, e ainda, assim fazendo, ellas encontram o azoto sob a forma em que este elemento é mais assimilavel e efficiente — a forma albuminoide. Desta pequena observação, banal na apparencia, podemos tirar uma lição importante e estabelecer uma pratica preciosa.

Si se quer augmentar a producção de ovos, e manter um bom estado sanitario do gallinhame, deve se pôr á disposição das gallinhas, em quantidade e qualidade sufficientes, a materia organica rica de azoto.

L. CAZE

UTILIZAÇÃO DO SANGUE O melhor meio de utilização pratica, ao alcance dos pe-
quenos criadores, é cosinhá-lo pondo-o num caldeirão d'agua em ebulição. Obtem-se assim um coalho, com a apparencia de figado, e que se pode empregar depois de passá-lo na machina de picar carne.

Entretanto, como o sangue mesmo cosido, é difficil de conservar, dáhi a necessidade de cada dois dias prepará-lo de novo, o melhor é dessecá-lo, num forno, á temperatura de 80° mais ou menos, até que seu teôr em humidade não passe de 12 — 13 %. Assim conservar-se-á muito tempo, guardado em lugar secco e fresco.

Sua composição é mais ou menos a seguinte: Albuminoides, 56 %; Hydratos de carbono, 2,6 %; Gorduras 0,5 %.

Este sangue desseccado pode substituir os pós animaes do commercio, na proporção de 10 grs. por dia e por cabeça de poedeira.

C. ARNOULD